

S A N D I L Y N N

*Best-seller do New York Times*

# Você para sempre

∞ *Trilogia Forever livro 2* ∞

*O que se passa na cabeça  
de um homem como  
Connor Black?*

valentina 

*Você para sempre*

TRILOGIA FOREVER

*Black*  
*para*  
*sempre*

LIVRO 1

*Você*  
*para*  
*sempre*

LIVRO 2

*Nós*  
*para*  
*sempre*

LIVRO 3

S A N D I   L Y N N

# Você para sempre

*Tradução*  
Kenya Costa

  
valentina

Rio de Janeiro, 2015

1ª Edição

Copyright © 2013 by Sandi Lynn  
Publicado mediante contrato com Browne & Miller Literary Associates, LLC.

TÍTULO ORIGINAL  
*Forever You*

CAPA  
Marcela Nogueira

FOTO DE CAPA  
Steven Lam | Getty Images

DIAGRAMAÇÃO  
FA studio

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*  
2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
BIBLIOTECÁRIA: FERNANDA PINHEIRO DE S. LANDIN CRB-7: 6304

L996v

Lynn, Sandi

Você para sempre / Sandi Lynn; tradução Kenya Costa. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Valentina, 2015.

272p. ; 23 cm (Trilogia Forever; 2)

Tradução de: Forever you  
Sequência de: Black para sempre  
Continua com: Nós para sempre  
ISBN 978-85-65859-62-2

1. Romance americano. I. Costa, Kenya. II. Título. III. Série.

15-22621

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com  
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA VALENTINA  
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana  
Rio de Janeiro – 22041-012  
Tel/Fax: (21) 3208-8777  
www.editoravalentina.com.br

*Dedico este livro a minha mãe.*



## Agradecimentos

*Obrigada a meu marido* por todas as incontáveis e intermináveis horas que passei escrevendo este livro. Quero agradecer a você por lavar a roupa, limpar a casa e não ter se queixado quando parei de fazer o jantar. Foi muito difícil conciliar este livro com meu emprego em tempo integral, mas você ficou do meu lado e me ajudou. Agora que trabalho em meio expediente, prometo cozinhar mais! Obrigada por seu amor e apoio. Eu te amo!

A minhas três lindas filhas adolescentes que nunca acharam que a mãe se tornaria autora de um best-seller no *USA Today*. Não existe nada impossível nesta vida! Sigam seus sonhos e façam com que aconteçam! Vou estar com vocês a cada passo do caminho. Amo vocês, meninas!

A minha editora Lucy, agradeço profundamente por toda a sua ajuda e empenho para publicar este livro. Eu nunca teria conseguido sem você! Mil abraços e beijos! Estou ansiosa para trabalhar com você em *Nós para sempre* e todos os meus futuros livros. Você é o máximo, garota!

Às amigas autoras que me apoiaram, ajudaram e deram valiosos conselhos durante minha jornada literária: Beth Rinyu, Dawn Martens, Aleatha Romig, Soaching Molly Moose e Adriane Leigh. Mais uma vez, obrigada por toda a sua ajuda! É um prazer conhecer cada uma de vocês!





## Prólogo

*Conheci Amanda através de um amigo.* Eu tinha dezoito anos, e ela acabara de fazer dezessete. Era uma menina bonita, com cabelos castanhos compridos, um corpo bem-feito, tipo violão, e um par de seios espetacular. Deu para ver que ela gostou de mim desde o início. Foi numa festa que nos conhecemos, e sentamos perto da fogueira. Começamos a namorar aquela mesma noite, e fiquei sabendo que ela tinha uma irmã gêmea chamada Ashlyn. Conversamos por horas a fio sobre nossas famílias, objetivos e sonhos. Levei-a para casa, e trocamos números de telefone. Mal sabia eu que esse novo relacionamento mudaria minha vida para sempre.

Saíamos pelo menos três vezes por semana, geralmente às sextas e nos fins de semana. Às vezes, quando eu não estava ocupado trabalhando com meu pai na Black Enterprises, dava um pulo na casa de Amanda durante a semana e passava algumas horas com ela. No começo, tudo correu às mil maravilhas entre nós. Eu gostava muito dela. O sexo era ótimo e frequente. Tudo ia bem, até eu começar a falar em ir para a faculdade. Ela ficou nervosa e me fez prometer que ligaria todos os dias e não olharia para outras meninas. Toda vez que tentava sair com meus amigos, ela ficava transtornada e começava a chorar. Dizia que eu não queria passar



meu tempo com ela e que dava mais atenção aos outros. Tentei explicar que queria ver meus amigos de vez em quando, e que não seria saudável passarmos todos os momentos juntos. Amanda discordava, sempre me acusando de estar sendo infiel quando eu não atendia suas ligações imediatamente.

Eu me sentia como se estivesse sendo sufocado. Não tinha mais tempo para mim mesmo, e seu comportamento era instável. Ela me dizia todos os dias o quanto me amava e que nunca poderia viver sem mim. Dizia que ficaríamos juntos para sempre, e que nada jamais nos separaria. Eu não amava Amanda. Gostava dela, mas não estava apaixonado por ela. Nem sabia direito o que era o amor. No dia em que tentei terminar o namoro, ela me disse que talvez estivesse grávida. Mil pensamentos horríveis me passaram pela cabeça, pois não podia me imaginar preso a essa menina pelo resto da vida. Felizmente, a gravidez era uma mentira. Tive uma longa conversa com a irmã dela, Ashlyn, que me contou que Amanda estava bem e que eu só precisava ser paciente com ela.

Um dia, finalmente cheguei ao limite quando fui jantar com um grupo de amigos. Amanda me encontrou e fez uma cena no meio do restaurante. Levei-a para fora e tentei acalmá-la, mas não adiantou. A essa altura eu já não sentia mais nada por ela, e mal suportava sua presença. Terminei tudo. Disse que para mim já bastava, que estava tudo acabado entre nós e que não me ligasse mais. E deixei-a plantada na rua, chorando. Não tive escolha; ela era desequilibrada e precisava de ajuda.

Recebi uma ligação de Amanda dois dias depois, querendo que eu fosse à sua casa para conversar. Para mim, não havia mais nada para conversar. Eu tinha terminado com ela, e não queria mais discutir o assunto. Ela chorou, implorando para que eu fosse. Disse que tinha uma última coisa para me dizer, e que depois aceitaria o fim do namoro. Pedi que eu esperasse mais ou menos uma hora, porque ela ainda não estava em casa. Uma hora depois, estacionei o carro em sua casa. Bati à porta, mas ninguém atendeu. Sabia que ela estava em casa, porque seu carro estava na entrada. Vendo que a porta estava destrancada, eu a empurrei, entrei e olhei ao redor. Chamei seu nome, mas ela não respondeu. Subi a escada devagar e parei diante da porta de seu quarto. Pus a mão na maçaneta e a girei lentamente, empurrando a porta. Soltei uma exclamação ao ver

Amanda caída no chão em meio a uma poça de sangue, com uma gilete ao lado. Corri para ela, abraçando-a. “Por que fez isso, Amanda? Por quê?”, soluzei, segurando seu corpo sem vida em meus braços, coberto de sangue e tremendo, enquanto as lágrimas escorriam de meus olhos. Meu coração estava disparado, meu corpo entorpecido. De repente, vi uma sombra na porta. Olhei e vi Ashlyn se ajoelhar ao meu lado, olhando para a irmã gêmea.

— Amanda, como você pôde fazer isso comigo?! — gritou. — Nós tínhamos tantos planos. Íamos fazer um mochilão pela Europa. — Ashlyn chorava, debruçada diante do corpo de Amanda, sacudindo-o pelos ombros. Eu a afastei e gritei para que parasse.

Ashlyn se levantou devagar e foi até a cômoda, onde encontrou uma carta. Pegou o papel e me lançou um olhar tenso. Soltei lentamente Amanda, levantei e me aproximei de Ashlyn, tirando o papel de sua mão.

*Você é o amor da minha vida. Nunca me senti assim em relação a ninguém. Você me deu esperança — a esperança de que eu precisava para viver. Quando estamos separados, sinto-me vazia por dentro e sozinha. Achei que você seria o homem que me salvaria de mim mesma. Amo você mais do que a minha própria vida, mas, se não posso ter você, se não podemos ficar juntos, então não quero mais viver. Desculpe por ter que ser assim, mas a culpa é toda sua. Não pude continuar sem você na minha vida. Por favor, diga a Ashlyn que a amo e que lamento muito.*

*Amanda*

Fiquei paralisado, com o bilhete na mão, enquanto Ashlyn soluçava. Fui confortá-la, mas ela levantou um dedo e disse em tom ríspido:

— A culpa pela morte de minha irmã é toda sua. Se você a tivesse amado, ela ainda estaria aqui!

Aquele dia mudou minha vida para sempre.





## Capítulo 1 ∞

*M*eus olhos se abriram. Meu coração palpitava de medo. Os lençóis da cama estavam encharcados, e eu coberto de suor do pesadelo que volta e meia atormentava minhas noites. Olhei para o relógio na mesa de cabeceira, que marcava as três da manhã. Levantei da cama e fui ao banheiro. Tive que fazer um esforço para normalizar a respiração, debruçado sobre a pia, e então me olhei no espelho. Abri a torneira e joguei um pouco de água fria no rosto, respirando fundo e fechando os olhos.

Nunca tinha contado a ninguém por que Amanda se matara. Mantivera esse segredo enterrado dentro de mim durante os últimos doze anos. A única pessoa que sabia era sua irmã, Ashlyn. Ela prometera que não contaria, porque não queria que as pessoas pensassem que a irmã faria uma coisa dessas a si mesma por causa de um homem. Esfreguei o rosto e voltei para o quarto, sentando na beira da cama. Peguei o celular na mesa de cabeceira e vi que havia uma mensagem de Ashlyn.



*Connor, obrigada por hoje à noite. Como sempre, você me satisfaz completamente. Estou ansiosa para te ver de novo em mais uma sessão de sexo tórrido!*

Suspirei, pondo o celular na mesa de cabeceira. Levantei, troquei de roupa e saí para dar uma corrida. Correr sempre me ajudava a clarear as ideias, principalmente quando eu tinha pesadelos. Acabei correndo mais de seis quilômetros no Central Park. Assim que as ideias clarearam e consegui pensar direito, decidi que ligaria para o Dr. Peters. Já fazia algum tempo que não o via, e achava que estava na hora de recomençar as sessões de terapia. Tirei o celular do bolso, procurei entre meus contatos e decidi mandar uma mensagem para Sarah.

*Preciso aliviar o estresse. Está a fim?*

*Oi para você também, Connor. Será que se dá conta de que são cinco e quinze da manhã? Já estou no clima.*

*Ótimo, me encontra na cobertura dentro de meia hora.*

*Posso estar lá em dez minutos.*

*Não, eu disse meia hora. Preciso tomar banho primeiro.*

*Hummm, que delícia, Connor, posso te fazer companhia?*

*Não, obrigado, prefiro fazer isso sozinho. Meia hora, e não se atrase.*

Eu tinha conhecido Sarah através de um associado da empresa. Sendo uma recém-divorciada, ela estava mais do que disposta a ter sexo casual, sem qualquer compromisso.

Voltei correndo para a cobertura e entrei no chuveiro para lavar o suor do corpo antes de transar com ela. Saí do banho com uma toalha enrolada na cintura. Fui para o quarto, onde ela já estava deitada na cama, pronta e esperando por mim.

— Tira essa toalha e vem para cá antes que eu mude de ideia — disse, sorrindo.

Joguei a toalha no chão e caminhei até a cama.

— Prometo que você não vai a parte alguma até eu ter fodido com você de todas as maneiras possíveis e imagináveis, Sarah.

— Essa é uma promessa que eu sei que você é capaz de cumprir — respondeu ela, com um sorriso.

Sexo intenso é tudo que conheço. É tudo que essas mulheres querem, e quem sou eu para me queixar? Rapidez e intensidade é a melhor

maneira de aliviar o estresse para mim, principalmente depois de um dia longo e exaustivo no escritório, ou quando surge uma oportunidade.

— Obrigado, pode ir embora — disse a ela.

— Connor, são seis e meia. Que tal tomarmos café juntos antes?

Caminhei até ela, que ainda estava deitada, seu corpo coberto apenas por um lençol. Olhei nos seus olhos castanhos.

— Você já conhece as regras, Sarah, portanto se veste e vai para casa. Tenho que tomar um banho rápido e ir para o escritório.

Ela se levantou.

— Eu sei, Connor, mas é só um café, poxa. Ah, e outra coisa: vou passar duas semanas fora, portanto não se dê ao trabalho de me ligar para aliviar o estresse de novo.



Algumas pessoas dizem que sou jovem demais para ser o CEO da Black Enterprises, e que as pressões e exigências do cargo vão acabar me destruindo. No meu entender, eu já fui destruído emocionalmente.

A Black Enterprises é minha empresa e meu único objetivo na vida. É tudo que tenho, e tudo que quero ter. Saio com um monte de mulheres. Que CEO milionário não faz isso? Os únicos relacionamentos em que acredito são os de natureza sexual, sem qualquer compromisso. A última coisa de que preciso na vida é uma mulher tentando me amarrar e me sufocar. De resto, fiz uma lista de regras para as mulheres com quem saio.

Nada de dormir aqui. Assim que nosso encontro sexual acabar, você deve se vestir e ir embora imediatamente. Não abrirei exceções.

Não temos qualquer compromisso. Nunca haverá nada mais do que sexo entre nós.

Não me ligue nem mande mensagens. Se eu quiser vê-la de novo, entrarei em contato.





Enquanto estiver na minha presença, você deve agir e se comportar como uma mulher adulta. Não tolerarei comportamentos infantis.

Nada de *ménages à trois*. Gosto de estar com uma mulher de cada vez. Não abrirei exceções.

Não uso camisinha. Faço exames uma vez por mês, e sou vasectomizado. Espero que as mulheres com quem saio também se cuidem. Posso exigir provas.

A noite do encontro só consistirá em jantar e sexo — nada mais, nada menos. Não haverá mãos dadas, caminhadas, passeios de carruagem pelo Central Park nem filmes. Não abrirei exceções.

Dou a lista às mulheres antes do jantar, para que elas tenham plena consciência de minhas expectativas. Se uma mulher não aceita qualquer uma dessas regras, tem toda liberdade de ir embora. Mulheres não são mais do que criaturas sexuais para mim. Nunca me apaixonei, nem vou me apaixonar. A pessoa que decidiu que esse seria meu destino se suicidou porque não fui capaz de amá-la, e não posso permitir que isso volte a acontecer. Tenho um grupo de mulheres que vejo regularmente. Ashlyn é uma delas. Comecei a vê-la há mais ou menos um ano, quando ela apareceu no meu escritório, sem um tostão e sem ter para onde ir. Eu estava sentado à mesa e fiquei olhando para a porta, lembrando aquele dia.

— Sr. Black, há uma moça aqui que deseja vê-lo — disse Valerie pelo interfone. — Diz que é importante e que o senhor a conhece.

Suspirei. Não tinha tempo para visitas inesperadas achando que podiam simplesmente dar as caras no meu escritório, exigindo me ver.

— Estou muito ocupado, Valerie. Diga a quem quer que seja que precisa marcar hora. Não tenho tempo no momento.

De repente, a porta se abriu. Levantei os olhos do computador e quase parei de respirar.

— Desculpe, Sr. Black, eu tentei impedi-la — disse Valerie.

— Tudo bem, Valerie. Por favor, feche a porta.

— Olá, Connor. É bom ver você de novo. Faz muito tempo — disse a mulher alta.

— Ashlyn, que diabos está fazendo aqui? — perguntei num tom irritado.

Ela se aproximou, acomodando-se numa poltrona confortável diante da minha mesa.

— Isso é jeito de falar com uma amiga que não vê há dez anos?

— Não enrola, Ashlyn, responde à pergunta.

Ela pigarreou, remexendo-se na poltrona.

— Estou numa situação meio complicada, Connor, e estava pensando se você poderia me ajudar.

Voltei a me sentar, fuzilando-a com os olhos. Ela não tinha mudado muito naqueles dez anos. Os cabelos pretos e lisos estavam iguais, e os olhos castanho-escuros ainda exibiam a mesma tristeza de anos antes. Juntei as mãos à minha frente.

— O que você quer, Ashlyn?

— Estou totalmente quebrada. Fui despejada do meu apartamento, e não sei o que mais fazer. Acho que posso ser considerada uma sem-teto — disse, respirando fundo.

— E seus pais? Por que não vai ficar com eles?

— Eles me disseram que sou uma desgraça para a família e que preciso tomar vergonha na cara. Eles já me ajudaram inúmeras vezes, e se recusam a fazer isso de novo.

Levantei da poltrona, fui até sua frente e me recostei na mesa, tentando entender por que viera me ver.

— Por que eu, Ashlyn? Não nos vemos nem falamos há dez anos.

Nesse momento, antes que ela pudesse responder, Valerie interfonou para avisar que minha reunião estava prestes a começar.

— Desculpe, Ashlyn. Tenho uma reunião, e lamento, mas não vou poder ajudá-la. Portanto, se me der licença, tenho que ir.

Ela se levantou, furiosa, pegou a bolsa e se dirigiu à porta, mas então se virou bruscamente.

— Você me deve, Connor Black. Minha vida está um caos por sua causa. Minha irmã cometeu suicídio por sua culpa, e isso arruinou minha vida. Sinto muita falta de Amanda, e ela ainda estaria aqui se não fosse por você! — gritou.

Fiquei paralisado, sem conseguir falar, pois tudo que Ashlyn tinha dito era verdade. Ela se virou e caminhou até a porta.



— Espere — chamei. — Eu te levo para jantar hoje à noite, e aí podemos discutir isso mais a fundo. Talvez eu possa ajudar você. Vou mandar meu motorista te buscar às sete da noite. Onde você está hospedada?

— Em lugar nenhum. Eu te disse que estou quebrada, portanto é óbvio que não tenho dinheiro para ficar em um hotel.

Fui até a porta e a abri, indicando a Ashlyn que saísse.

— Valerie, por favor, reserve um quarto no Marriott do Centro para a Srta. Jonhson, por conta da empresa.

Valerie assentiu, pegando o telefone.

— Obrigada, Connor, sabia que podia contar com você. — Ashlyn sorriu.

— Meu motorista vai te apanhar às sete da noite em ponto.

Dei as costas, balançando a cabeça. Por que diabos ela resolvera aparecer ali depois de todos aqueles anos e jogar a morte de Amanda na minha cara?



Um ano depois, eu estava sentado à mesa do escritório, me perguntando por que ela ainda estava na minha vida e eu não fizera nada a respeito.

Levei um susto ao ouvir uma batida na porta, e Valerie entrou, pondo uma xícara de café na mesa.

— Bom dia, Sr. Black.

— Bom dia, Valerie. Me faz um favor: desmarca todos os compromissos de hoje à tarde. Preciso fazer uma coisa.

— Pois não, Sr. Black, vou cuidar disso agora mesmo.

— Obrigado, Valerie — agradei, e ela saiu do escritório.

Peguei o celular, liguei para o Dr. Peters e marquei uma consulta para aquela tarde. Como os pesadelos tinham recomeçado, imaginei que estivesse na hora de fazer isso. Terminei de ler alguns relatórios, fiz algumas ligações e avisei Denny que sairia do escritório mais cedo, para que viesse me buscar.

Entrei na limusine e pedi a Denny que me levasse à cobertura, para que eu pudesse pegar o Range Rover e ir dirigindo eu mesmo até o consultório do Dr. Peters. Não queria que ele soubesse aonde eu ia.

Considerava Denny um de meus melhores amigos. Ele estava com a Black Enterprises havia dez anos; tinha sido motorista de meu pai, e agora trabalhava para mim.

Era um homem na faixa dos cinquenta anos, e testemunhara muito de minha vida nos últimos dez anos. Estivera ao meu lado em todos os momentos, e até salvara minha pele em algumas ocasiões sem jamais contar a meu pai. Era como um segundo pai para mim, e também meu confidente. Eu sempre podia contar com ele para me ajudar, se precisasse. Em troca, cuidava para que nada faltasse a ele e sua família.